

Suplemento Cultural

Cidades são construções do olhar – Homenagem a Campo Grande em seu aniversário

O segredo de uma cidade é o modo pelo qual o olhar percorre as figuras que se sucedem como uma partitura musical da qual não se pode modificar ou deslocar nenhuma nota.

Italo Calvino

MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA

Cidades são seres vivos que nascem, crescem, transformam-se e, às vezes, desaparecem na poeira do tempo ou do esquecimento. Existem em função das emoções, do olhar de seus habitantes. O que lhes dá significado é a vida interior que pulsa em cada uma de suas moléculas.

Cidades constituem aventuras subterrâneas dos que não temem riscos, movidos pela força com que projetam no presente sonhos destinados à eternidade.

São muitos os fatores que fazem girar a máquina de uma cidade: o talento, a coragem de persistir, a direção política, o manejo da economia, a cultura, geradores de mudanças, que determinam a conquista da identidade, a passagem do atraso para as vias da modernidade.

Campo Grande impressiona os que chegam pelo excesso de verde, combinado ao tom azul do céu, que cerca edifícios onde se respira o ar do trabalho, da liberdade e da qualidade de vida.

Mas o que faz de Campo Grande uma cidade singular é sua vocação para estimular a cultura, as artes, o gosto de transformar a vida numa aventura permanente, digna de ser vivida.

Testemunha do desenvolvimento cultural desta cidade, acompanhei as transformações na literatura, no teatro, na música, nas artes plásticas, nas artes visuais. Vi no jogo de espelhos do tempo a luta dos que interferiram no dia a dia para formar um pensamento, que exerceu profunda influência na dinâmica social. Vi educadores caminhando pelas ruas poeirentas, estimulando



CAMPO GRANDE – Urbe Morena, enfeitada de progresso e flores

“

Mas o que faz de Campo Grande uma cidade singular é sua vocação para estimular a cultura, as artes, o gosto de transformar a vida numa aventura permanente, digna de ser vivida”

em salas mal iluminadas o gosto pelo estudo, pela arte, elementos primordiais na formação de consciências. Acompanhei exposições em espaços exíguos. Vi brilhar o olhar dos que improvisavam nas ruas, nos pátios das escolas cenas teatrais, por falta de salas adequadas onde pudessem se comunicar melhor com o público. Assisti a exposições musicais sustentadas apenas pelo talento de seus artistas.

Acompanhei a luta de estudantes, que deixaram a cidade em busca de estabelecimentos de ensino superior onde pudessem completar seus estudos. Estive com os viciados em todo tipo de leitura, que buscavam nas páginas da prosa e da poesia o alimento para as angústias da alma.

Vi brotarem edifícios como flores de aço plantadas no asfalto para atingir a verticalidade dos desejos de mudança.

De repente, um novo ritmo tomou conta da cidade. Ninguém sabe exatamente, quando isso aconteceu, mas, como por milagre, Campo Grande acordou para a riqueza da arte, da cultura, expressões simbólicas que a projetam em direção ao futuro, numa explosão de verdadeiro desenvolvimento.

Vivemos hoje um momento de revelações artísticas, de talentos, que despertam nossa confiança de que algo de muito poderoso cresce como fogo na preparação de um tempo de certezas.

Uma verdade luminosa se impõe: a cultura salvará a cidade. Assim, Campo Grande, sustentada pela força da arte, resistirá cada dia mais bela, mais cheia de esperança, de significado, eternizada no olhar de quem teve o privilégio de contemplá-la, vivê-la em plenitude.

Mais que espelho, a arte é uma máquina de ser. Transforma consciências. É única coisa que resta das civilizações.

Quando tudo parece desaparecer, a arte cumprirá seu papel de resumir num sistema de signos os ventos transformadores do que chamamos vida. A cidade resistirá, no olhar de quem fez da cultura, seu jeito de ser, sua maneira de sobrevivência.

da pátria viria de Aquidauana e teríamos que levá-la até Campo Grande. Na prefeitura providenciavam a “pira” que seria acesa pela tocha. Aguardávamos ansiosos sua chegada pelos alunos da cidade de Aquidauana, sob fina e intermitente garoa do final do mês de agosto. Chegaram orgulhosos e eufóricos, mostrando seus uniformes enlameados. A diretora da Escola designou-me para receber a tocha e, ao recebê-la, dizer: “É com orgulho que recebo o fogo-simbólico de nossa pátria”. A “pira” acesa ficaria ardoendo até o dia 07 de setembro.

Com a tocha flamejante, já em minhas mãos, mal conseguia dizer as palavras ensaiadas. Emocionada, meu coração confundia-se com as passadas da corrida.

E revezando-nos, partimos para Campo Grande, onde a pira já preparada receberia a tocha com todas as honras e, assim sucessivamente até chegar ao Monumento do Ipiranga, em São Paulo.

Senti-me como nos Jogos Olímpicos da Antiguidade, em que o fogo tinha um significado divino, qual foi roubado dos deuses por Prometeu, queimando constantemente no altar de Hestia em Olímpia, e nos jogos Olímpicos honravam Zeus com fogos adicionais.

O hino do Sesquicentenário da Independência era cantado por todos... Na composição do poeta e jornalista, Miguel Gustavo W. S. Martins, com a seguinte letra: “Marco extraordinário/ Sesquicentenário da Independência/ Potência de amor e paz/ Esse Brasil faz coisas/ Que ninguém imagina que faz/ É Dom Pedro I/ É Dom Pedro do Grito/ Esse grito de glória/ Que a cor da história à vitória nos traz...”

As quatro tochas num encontro marcado, no dia mais lindo da Pátria... Sete de Setembro!... No Ipiranga um novo grito. Dois grandes heróis se encontravam... Tiradentes e Dom Pedro I, com a alma em glória. O Brasil inteiro brilhava em esperança de paz. No rádio, a “Voz do Brasil” irradiava um sentimento de patriotismo, com o pronunciamento do presidente da República e, num civismo lírico, cantávamos em alto brado o Hino Nacional.

Hoje contemplo com orgulho o “Diploma de participação da tradicional Corrida do Fogo Simbólico da Pátria”. Essa chama permanece acesa em mim.

POESIAS

CAMPO GRANDE DE AGORA

(Pelos seus 116 anos)

Procurei trescalar do ansioso peito
O saudosismo que em minh’alma aflora,
Para dar chance a outro tema eleito
Que é, Campo Grande, te cantar no agora.

Falar-te carinhoso – esse é o meu jeito –
Do quanto o meu ser te ama, quer e adora...
Que cada rua tua é róseo leito,
Que me esperta ao labor a qualquer hora!

São teus prédios mãos postas a um bendito
Céu de araras azuis com garças claras...
Teu luar tem o encanto de algum mito!

Nem se sabe o que em ti é mais bonito:
Se as manhãs – que em sorrisos escancararas;
Se as tardinhas – em que oras ao Infinito!

GERALDO RAMON PEREIRA

TOCANDO BERRANTE

Conduzindo a boiada estufa o peito
Orgulhoso o peão mais deslumbrante,
Ajeitando na boca o seu berrante,
De onde extrai longo som de nobre efeito.

E a manada marchando ruminante
Segue ouvindo a grã-música de um jeito
Como se ouvisse um clássico soneto
Cujos versos não trilham estrada errante.

De repente a saudade que levanta
Com a poeira que vai e vem mugindo
Faz a dor do peão tocar sorrindo...

Pois o choro que trava sua garganta
Sai na trompa, e a imagem de sua diva
É tocada no som da comitiva.

JOSÉ PEDRO FRAZÃO

A fiel estrela de Reginaldo Araújo e suas Crônicas de um Povo Feliz

RUBENIO MARCELO – poeta/escritor e crítico literário, secretário-geral da ASL

Ele veio de longe, trazendo na alma as evocações dos alpendres agrestinos que abrigaram os seus sonhos alados de menino pobre. Já faz tempo que ele chegou a estas plagas guaicurus. Veio trazendo, aquecido pelo sol do trópico, um alforje de aprendizados simples e um sentimento especial: a paixão pela arte-atividade literária. E foi assim – como os antigos navegantes que, seguindo a estrela-guia, atingiram seus destinos – que ele, contemplando os desígnios da literatura, inscreveu a sua história de vida.

Assim é Reginaldo Alves de Araújo, ativista cultural e acadêmico, cronista/historiador, escritor que chega com mais uma publicação autoral: “Crônicas de um Povo Feliz” – uma espécie de tributo às duas cidades mais importantes da sua vida: Itabaiana (aquela que lhe serviu de berço nos sertões paraibanos) e Campo Grande, esta que lhe recebeu de braços abertos e o aqueceu com sua *morenitude* hospitalara. Desta forma, com a mesma desenvoltura e intensidade que revisita o antigo ‘Cine Ideal’ do seu tempo-menino itabaianense, ele interage com o canto atual dos sábios campo-grandenses no Belmar Fidalgo, ou vai ao Colégio Dom Bosco rememorar o Pe. Félix Zavattaro e seus ensinamentos filosóficos. Com efeito, no decorrer das páginas, desfrutaremos de uma saborosa seleção de textos afinados com temas e personagens representativos dos dois estados que habitam o lado esquerdo do peito do autor: a PB (sua terra natal) e o MS (seu torrão escolhido).

É nítida a dosagem emotiva que permeia o conjunto textual do livro, aspecto este que envolve o leitor e, em muitas ocasiões, o entranha no palco dos acontecimentos para vivenciar também cada cena e cada imagem, ‘presenciando’ os fatos em seus sentidos e dimensões. No bojo deste eclético compêndio, encontraremos textos caracterizados com a biografia, o comentário, a história, o registro de memória, a política, a educação e cultura, o lirismo e, claro, certos aspectos ficcionais. Outrossim, neste sentido, como irrequieto observador do cotidiano, Reginaldo apresenta-se continuamente sintonizado com aquele preceito de Antônio Candido: “a crônica está sempre a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas (...) pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas”.

E algumas narrativas contidas na obra não podem deixar de ser aqui mencionadas. Neste sentido, cito “Mangueiras de Campo Grande”, que explicita, num misto de emoção e poeticidade, a chegada do autor a esta *Cidade Morena*. “Mãe, Minha Estrela” (em que o autor relembra sua genitora) é outra



Pela sugestiva apresentação da capa, já se depara com a instigante variedade de temas abordados no livro

composição tocante, singela e profunda, que nos faz refletir a condição humana. A meu sentir, é o texto mais comovente do livro (ao lado de “Vela que Não Apagou”).

Na crônica “A Viola, a Sanfona e uma Saudade”, Reginaldo – embalado recentemente pelo ponteio plangente do acadêmico e violeiro sul-mato-grossense Geraldo Ramon – viaja nas asas brancas das suas reminiscências, pelo túnel do tempo progressivo, e desembarca no distante agreste paraibano, na inesquecível ruazinha da sua meninice: ‘Rua da Palha’, em Itabaiana, onde costumava admirar o sanfoneiro Biusim: “*franzino, chapéu de palha na cabeça, e que tocava sem parar em troca da comida do dia*”. Aqui o autor faz jus ao que afirmou, certa vez, o confrade Abílio de Barros: “*Entendo que o esforço e tenacidade com que Reginaldo dirige a nossa Academia de Letras têm origem nos sonhos daquele menino de Itabaiana...*”.

Em “Vela que Não Apagou”, Reginaldo mais uma vez espargue sensibilidade, fazendo-nos espectadores do seu sublime diálogo com D. Amélia: a sua saudosa mãezinha. Aquela que, no seu leito de dor, não se esqueceu da promessa feita para Santa Rita de Cássia, e assim murmurou ao ouvido do seu rebento de nove anos de idade: – “*filho querido, acenda uma vela no pé do morro, suba, sem que ela apague, bote nos pés da Santa... pague a promessa por mim*”. A sequência deste envolvente enredo fascina até o mais indiferente leitor com as nuances e surpresas de cenas, inclusive com a intervenção de outro personagem desta emocionante crônica, o “Coronel Chico de Sá”, que – encontrando aquela obstinada criança com a missão já cumprida no alto do morro – vaticinou: “*Acendeste a vela uma única vez, feito glorioso este. Avante! O futuro te espera... Serás grande!*”.

Chico de Sá estava certo ao professar estas palavras há cerca de seis décadas, pois aquele pequenino “pagador de promessa” tornou-se grande homem das letras sul-mato-grossenses – sua luz é intensa e firme, qual aquela ‘grande estrela em cima do Rio Paraíba’, qual aquela ‘vela que não apagou’, qual a fé inabalável de D. Amélia e o brilho abençoador do olhar de Santa Rita.

Autor de 14 livros publicados, Reginaldo presenteia agora os seus leitores com “Crônicas de um Povo Feliz” – obra abrangente, tematizada com transbordante invocação telúrica e, acima de tudo, identificada com a emoção e o sentimento. É um livro com sabor de regionalismo e aroma de brasilidade. Vale a pena conferir!

NOTÍCIAS DA ACADEMIA

CHÁ ACADÊMICO ESPECIAL TRAZ LANÇAMENTO DE ‘CRÔNICAS DE UM POVO FELIZ’ – Acontecerá na próxima quinta-feira (03/09), às 19h30min, no Teatro Aracy Balabanian (Rua 26 de Agosto, 453 – Campo Grande), o Chá Especial da ASL com lançamento do novo livro de crônicas do acadêmico Reginaldo Alves de Araújo. Publicado pela Life, “Crônicas de um Povo Feliz”, a 15ª obra de Reginaldo, possui prefácio do acadêmico Rubenio Marcelo. Fica o convite.